

AS FADAS SOB A CIDADE

LIVRO 2



AUTORA SENSÇÃO DA FANTASIA YA
HOLLY BLACK

SECRET
SOCIETY



SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Abuso de drogas

Abuso e negligência

Abuso sexual

Conteúdo sexual

explícito

Crueldade contra animais

Morte

Relações tóxicas

Sangue e cenas gráficas

Sexismo

Tortura

Violência

*Para o meu marido, Theo,
porque ele adora raparigas atormentadas e furiosas*



PRÓLOGO

*Pois irei aprender com flores e folhas
De matiz em cada gota contido,
A transformar o inerte vinho da amargura
Em ouro vívido.*

— SARA TEASDALE, *ALCHEMY*

A mulher-árvore engasgou-se com o veneno, a lenta seiva do seu sangue ardia-lhe. A maioria das suas folhas já tinha caído, mas as restantes escureciam e murchavam ao longo das suas costas. Arrancou as próprias raízes do profundo solo, longas gavinhas espetadas que se encolhiam no ar fresco do fim de outono.

Uma cerca de ferro rodeava o seu tronco há anos, o mau cheiro do metal era tão familiar quanto qualquer dor leve. O ferro queimou-a quando arrastou as raízes pela cerca. Caiu no passeio de cimento, a sua lenta consciência de árvore tomada pela dor.



Um humano que passeava com dois cães cambaleou contra a parede de tijolos de um edifício. Um táxi travou brusca-mente, os pneus a chiar, e soltou uma buzina de estridente.

Os longos ramos derrubaram uma garrafa enquanto a mulher-árvore se esgueirava, afastando-se do metal. Estudou o vidro escuro enquanto este rebojava pela rua, observou o restante veneno amargo escorrer pelo gargalo, viu os conhecidos rabiscos na estreita tira de papel colada com cera. A garrafa deveria conter um tónico, não o instrumento da sua morte. Ela tentou levantar-se outra vez.

Um dos cães começou a ladrar.

A mulher-árvore sentiu o veneno a fazer efeito dentro de si, tornando a sua respiração entrecortada e deixando-a estonteada. Estivera a rastejar para algum lado, mas não conseguia lembrar-se para onde. Manchas verde-escuras como nódoas negras floresciam ao longo do seu tronco.

— Ravus — sussurrou a mulher-árvore, a casca dos lábios a fender-se. — Ravus.



1



*É preciso correr muito para ficar no mesmo sítio.
Se queres chegar ao outro lado,
Corre duas vezes mais!*

— LEWIS CARROLL,

ALICE DO OUTRO LADO DO ESMELHO

Valerie Russel sentiu algo gelado a tocar-lhe na parte inferior das costas e voltou-se, reagindo sem pensar. A sua bofetada atingiu carne. Uma lata de refrigerante caiu no piso de betão do vestuário e rebolou, o líquido castanho a borbulhar ao formar uma poça. Outras raparigas ergueram o olhar, enquanto vestiam camisolas, e começaram a rir-se.

Com as mãos erguidas num gesto de falsa rendição, Ruth soltou uma gargalhada.

— Estava só a meter-me contigo, Princesa Duroña da Durolândia.

— Desculpa — forçou-se Val a dizer, mas o súbito sentimento de raiva invadiu-a de forma surpreendente, não se tendo dissipado ainda por completo, e ela sentia-se idiota. — O que estás aqui a fazer? Achei que chegares perto de suor te desse urticária.

Ruth sentou-se num banco verde, parecendo glamorosa num blazer vintage e numa longa saia de veludo. As sobrançelas de Ruth eram finas linhas, os olhos delineados a lápis Kohl preto e sombra vermelha. O cabelo preto brilhante era mais claro nas raízes e intercalado com tranças roxas. Ela deu uma passa no cigarro de cravo-da-índia e soprou o fumo na direção das colegas de equipa de Valerie.

— Só o meu próprio suor.

Val revirou-lhe os olhos, sorrindo. Ela e Ruth eram amigas desde sempre, há tanto tempo que Val estava habituada a ser aquela que ficava ofuscada, a «normal», a que preparava o terreno para as respostas engenhosas, não a que respondia. Gostava de desempenhar daquele papel; fazia-a sentir-se segura. O Robin para o Batman de Ruth. O Chewbacca para o Han Solo.

Val inclinou-se para descalçar os ténis e olhou-se ao pequeno espelho da porta do cacifo, mechas de cabelo cor de laranja a escapar de uma bandana verde.

Ruth pintava o próprio cabelo desde o quinto ano: primeiro, com cores que se podiam comprar em supermercados, depois, com cores mais vibrantes e bonitas, como verde sereia e cor-de-rosa poodle; mas Val pintara o cabelo uma única vez. Tinha sido de um tom acobreado comprado numa loja; mais escuro e intenso do que a sua pálida cor natural, mas ainda assim valera-lhe um castigo. Naquela altura, a mãe punia-a sempre que fazia algo que mostrasse como estava a crescer. Não queria que a filha comprasse um sutiã, que usasse saias curtas ou que namorasse antes do secundário. Agora que estava

no secundário, do nada, a mãe passou a bombardeá-la com dicas de namoro e maquiagem. No entanto, Val habituara-se a prender o cabelo com bandanas, a usar t-shirts e calças de ganga, e não queria mudar isso.

— Tenho algumas estatísticas para o projeto bebé-farinha e escolhi alguns nomes potenciais. — Ruth tirou a enorme mala a tiracolo do ombro. A aba da frente estava manchada de tinta e coberta por pins e autocolantes: um triângulo cor-de-rosa, descascado nas pontas, um pin escrito à mão com Ainda não sou rei, um mais pequeno em que se podia ler Algumas coisas existem, quer acredites quer não, e mais uma dezena de outros. — Pensei que pudesses aparecer lá em casa esta noite para trabalharmos nisso.

— Não posso — disse Val. — Eu e o Tom vamos à cidade ver o jogo de hóquei depois do treino.

— Uau! Alguma coisa que queiras fazer, para variar — comentou Ruth, enrolando uma das tranças roxas no dedo.

Val franziu a testa. Não podia deixar de notar a entoação na voz de Ruth sempre que mencionava o Tom.

— Achas que ele não quer ir? — perguntou Val. — Ele disse-te alguma coisa?

Ruth abanou a cabeça e deu outra passa rápida no cigarro.

— Não. Não. Nada disso.

— Estava a pensar que podíamos ir ao Village depois do jogo, se tivermos tempo. Passear por St. Mark's. — Há apenas alguns meses, na feira da cidade, Tom aplicara uma tatuagem provisória na curva das suas costas, ajoelhando-se e molhando o sítio com a língua antes de pressionar o papel na pele. Agora, mal conseguia fazer o rapaz beijá-la.

— A cidade durante a noite. Que romântico.

Val achou que ela queria dizer o contrário devido à forma como falou.

— O que é? O que é que te deu?

— Nada — respondeu Ruth. — Estou só distraída, sei lá.
— Ela sacudiu uma das mãos. — Tantas raparigas seminuas num só sítio.

Val assentiu, meio convencida.

— Deste uma vista de olhos àqueles chats como te pedi para o projeto? Encontraste aquele que te enviei com as estatísticas sobre casas só para mulheres?

— Ainda não consegui ver. Vou pesquisar amanhã, okay?
— Val revirou os olhos. — A minha mãe está online 24 horas por dia, sete dias por semana. Tem um novo namorado virtual.

Ruth emitiu um som como se fosse vomitar.

— O que é? — perguntou Val. — Pensei que apoiasses o amor online. Não foste tu que disseste que é o amor da mente? Verdadeiramente espiritual, sem as tentações da carne a atrapalhar?

— Espero não ter dito isso. — Ruth pousou as costas da mão na testa, deixando o corpo cair para trás numa imitação de um desmaio. Recompôs-se, endireitando-se bruscamente. — Ei, isso no teu rabo-de-cavalo é um elástico? Vai partir os fios de cabelo. Anda cá, acho que tenho um scrunchie e uma escova.

Val subiu para o banco em frente a Ruth e deixou que ela lidasse com o elástico.

— Au! Estás a fazer pior!

— Okay, medricas. — Ruth escovou-lhe o cabelo e apanhou-o com o scrunchie, apertando com tanta força que Val pensou sentir os minúsculos fios de cabelo na nuca a partirem-se.

Jennifer aproximou-se e apoiou-se no taco de lacrosse. Era uma rapariga simples e de ossos largos, que frequentava a mesma escola que Val desde o jardim de infância. Parecia sempre limpa de uma forma pouco natural, desde o lustroso

cabelo ao branco ofuscante das meias e os calções sem vincos. Também era a capitã da equipa.

— Ei, vocês as duas, vão fazer isso para outro lado.

— Tens medo de que seja contagioso? — perguntou Ruth, com doçura a transparecer-lhe na voz.

— Vai-te foder, Jen — disse Val, menos perspicaz e um segundo atrasada.

— Não podem estar a fumar aqui — avisou Jen, mas nem sequer olhou para Ruth. Observava as calças de fato de treino que Val tinha vestidas. Tom decorara-as numa das pernas: desenhara uma gárgula com um marcador de tinta permanente num dos lados. O outro exibia maioritariamente slogans ou coisas aleatórias que Val tinha escrito com um monte de canetas diferentes. Era provável que não fosse o que Jen achasse apropriado para um equipamento de treino.

— Esquece. Tenho de ir, de qualquer forma. — Ruth apagou o cigarro no banco, queimando uma cratera na madeira. — Até logo, Val. Até logo, falhada.

— Qual é o teu problema? — perguntou Jennifer baixinho, como se quisesse mesmo ser amiga de Val. — Porque andas com ela? Não vês que é uma anormal?

Val baixou o olhar, focando o chão, enquanto ouvia as entrelinhas, aquilo que Jen não estava a dizer: Não sabes que quem anda com os miúdos esquisitos é péssimo a desporto? Estás interessada em mim? Porque não sais da equipa antes de termos de te expulsar?



Se a vida fosse um jogo de vídeo, ela teria usado o seu poder para mandar Jen pelos ares e atirá-la contra a parede com dois golpes do taco de lacrosse. Pareceu-lhe lógico que, se a vida fosse mesmo um jogo de vídeo, de certeza que Val teria de fazer aquilo em biquíni e com seios gigantes, cada um feito de polígonos animados individualmente.

Na vida real, Val mordeu o lábio e encolheu os ombros, mas as mãos fecharam-se em punhos. Já se metera em duas lutas desde que entrara para a equipa e não podia dar-se ao luxo de uma terceira.

— Então? Precisas que a tua namorada fale por ti?

Val deu um murro na cara de Jen.



Com os nós dos dedos a arder, Valerie largou a mochila e o taco de lacrosse no já atulhado chão do quarto. Ao vasculhar pela roupa, desencantou umas cuecas e um sutiã desportivo que lhe deixava o peito ainda mais liso do que era realmente. Em seguida, após resgatar um par de calças pretas que achou estarem limpas e uma sweater verde da pilha da roupa suja, dirigiu-se ao corredor, em bicos de pés, as chuteiras a esmagar os livros de contos de fadas, libertando-os das suas encadernações, e a espalhar um rasto de terra por uma coleção de caixas de jogos de vídeo dispersas. Ouviu plástico a estalar debaixo dos calcanhares e tentou chutar algumas caixas para longe do caminho.

Na casa de banho do corredor, despiu o uniforme. Depois de esfregar uma esponja debaixo dos braços e tornar a passar desodorizante, começou a vestir-se, parando apenas para examinar as mãos em carne viva.

— Esta era a tua última oportunidade — dissera o treinador. Esperara 45 minutos no gabinete dele enquanto toda a equipa treinava e, quando aparecera finalmente, percebera o que ele estava prestes a dizer ainda antes de abrir a boca. — Não podemos dar-nos ao luxo de te manter na equipa. Estás a afetar o sentido de camaradagem de toda a gente. Temos de ser uma equipa unida e com um único objetivo... ganhar. Entendes, certo?

Ouviu-se uma única batida antes de abrirem a porta. A mãe estava especada na soleira, a mão cuidada de forma perfeita ainda na maçaneta.

— O que te aconteceu à cara?

Val sugou o lábio cortado para dentro da boca e examinou a ferida ao espelho. Esquecera-se daquilo.

— Nada. Foi um acidente durante o treino.

— Estás com um aspeto horrível. — A mãe espremeu-se para dentro da casa de banho, sacudindo o recente corte de cabelo com madeixas loiras, de forma que ambas ficassem refletidas no mesmo espelho. Sempre que ia ao cabeleireiro, parecia que adicionava mais madeixas, cada vez mais claras, tanto que o castanho original parecia estar submerso numa maré de amarelo.

— Muito obrigada — resfolegou Val, apenas um pouco irritada. — Estou atrasada. Atrasada. Atrasada. Atrasada. Como o coelho branco.

— Espera. — A mãe voltou-se e saiu. Val seguiu-a com o olhar pelo corredor, o papel de parede às riscas e as fotografias de família. A mãe enquanto vice-campeã de um concurso de beleza. Valerie com aparelho nos dentes, sentada ao lado da mãe no sofá. Os avós em frente do próprio restaurante. Valerie de novo, mas desta vez com a meia-irmã mais nova ao colo, na casa do pai. Os sorrisos nos rostos congelados pareciam pertencer a desenhos animados e os dentes expostos eram demasiado brancos.

Alguns minutos depois, a mãe voltou com uma bolsa de maquilhagem às riscas tipo zebra.

— Fica quieta.

Valerie fez uma careta, erguendo os olhos dos seus All Star verdes favoritos que tinha acabado de atar.

— Não tenho tempo. O Tom vai chegar a qualquer minuto. — Ela nem se tinha lembrado de colocar o próprio relógio,

por isso arregaçou a manga da blusa da mãe e viu as horas no dela. Já estava mais do que atrasada.

— O Tom sabe onde fica a porta. — A mãe besuntou o dedo com um denso creme bege e começou a dar gentis pancadinhas nas pálpebras da filha.

— O corte é no meu lábio — queixou-se Val. Não gostava de maquilhagem. Sempre que se ria, os olhos enchiam-se de lágrimas e a maquilhagem ficava borrada como se tivesse chorado.

— Precisas de um pouco de cor nessa cara. Em Nova Iorque, as pessoas arranjam-se bem.

— É só um jogo de hóquei, mãe, não é a ópera.

A mãe soltou um suspiro, aquele que parecia sugerir que, um dia, Val dar-se-ia conta do quanto estava enganada. Passou-lhe blush no rosto e, em seguida, um pó sem cor. E mais pó foi salpicado nos seus olhos. Ela lembrou-se do baile de finalistas, no verão anterior, e rezou para que a mãe não tentasse recriar aquele visual pegajoso e cintilante. Por fim, passou-lhe um batom pelos lábios, o que fez com que o corte ardesse.

— Já acabaste? — perguntou Val, enquanto a mãe começava a aplicar o rímel. Um olhar de esguelha para o relógio da mãe disse-lhe que o comboio partiria em 15 minutos, mais coisa menos coisa. — Merda! Tenho de ir. Onde raio é que ele está?

— Já sabes como é o Tom — respondeu a mãe.

— O que queres dizer? — Val não entendia por que a mãe agia sempre como se conhecesse melhor os seus amigos do que ela própria.

— Ele é um rapaz. — A mãe abanou a cabeça. — Irresponsável.

Valerie tirou o telemóvel da mochila, procurou pelo nome dele e ligou-lhe. Foi direto para o voice mail. Desligou. Enquanto

voltava para o quarto, olhou pela janela, além das crianças que estavam a andar de skate numa rampa de contraplacado na entrada da garagem do vizinho. Não viu o velho Caprice Classic do Tom.

Tornou a ligar-lhe. Voice mail.

— Ligou para o Tom. Béla Lugosi está morto, mas eu não. Deixe mensagem.

— Não devias continuar a ligar-lhe dessa maneira — re-preendeu a mãe, seguindo-a até ao quarto. — Quando ele ligar o telemóvel, vai ver a quantidade de chamadas perdidas e quem as fez.

— Não me importa o que ele vê — atirou Val, tornando a marcar o número. — De qualquer forma, é a última tentativa.

A mãe esticou-se na cama de Val e ocupou-se a delinear os lábios com lápis castanho. Conhecia tão bem o formato da própria boca que não precisava de um espelho.

— Tom — começou Val ao telemóvel assim que a chamada tornou a cair no voice mail —, estou a ir para a estação de comboios. Não te dês ao trabalho de me vir buscar. Encontra-te comigo na plataforma. Se eu não te vir, apanho o comboio e encontramos-nos no Garden.

A mãe franziu a testa.

— Não sei se é seguro ires sozinha até à cidade.

— Se perdermos este comboio, vamos atrasar-nos para o jogo.

— Bem, pelo menos leva este batom. — A mãe procurou-o na bolsa antes de lho entregar.

— Como é que isto vai ajudar? — resmungou Val e pendurou a mochila no ombro. Continuava com o telemóvel na mão, o plástico a aquecer entre os seus dedos.

A mãe sorriu-lhe.

— Tenho de mostrar uma casa esta noite. Tens as tuas chaves?

— Sim — confirmou Val. Deu um beijo na bochecha da mãe, inspirando o cheiro do perfume e da laca. Deixou uma marca bordô devido ao batom nos seus lábios — Se o Tom aparecer, diz-lhe que fui andando. E diz-lhe que é um parvalhão.

Embora a mãe tornasse a sorrir, a sua expressão estava estranha.

— Espera — chamou ela. — Devias esperar por ele.

— Não posso — disse Val. — Já o avisei de que estou a caminho.

Com isto, saiu disparada pelas escadas e porta fora, atravessando o pequeno pátio. Era uma curta caminhada até à estação e o ar fresco soube-lhe bem. Sempre era melhor fazer alguma coisa ao invés de esperar.

O asfalto do estacionamento ainda estava molhado devido à chuva da véspera, e o céu, nublado, carregado com a promessa de mais chuva. Ao cruzar o estacionamento, os sinais começaram a piscar e a tocar em aviso. Ela alcançou a plataforma no mesmo instante em que o comboio parou, soltando uma nuvem malcheirosa de ar quente.

Valerie hesitou. E se Tom se tivesse esquecido do telemóvel e esperado por ela em casa? Se embarcasse naquele momento e ele apanhasse o comboio seguinte, talvez nunca se encontrassem. Ela tinha os bilhetes de ambos. Talvez pudesse deixar o dele na bilheteira, mas era possível que não lhe ocorresse perguntar lá. E mesmo que tudo aquilo funcionasse, Tom acabaria por ficar amuado. Quando, ou se, ele finalmente aparecesse, não estaria com disposição para nada a não ser discutir. Embora não soubesse para onde pudessem ir, tinha esperança de que conseguissem encontrar um sítio onde fosse possível estarem sozinhos por algum tempo.

Roeu a pele em torno do polegar, arrancando, meticulosa, a cutícula e puxando em seguida para que uma pequena tira

de pele se soltasse. Era estranhamente prazeroso, apesar da minúscula quantidade de sangue que subia à superfície, mas, quando lambeu, a pele tinha um sabor amargo.

Então, as portas do comboio fecharam-se, dando um fim à sua indecisão. Valerie observou enquanto o comboio deixava a estação e, depois, começou a caminhar lentamente para casa. Sentiu-se aliviada e irritada ao avistar o carro de Tom estacionado ao lado do Miata da mãe na garagem. Por onde é que ele andara? Apressou-se e abriu a porta com um puxão.

Valerie congelou. A porta de rede escorregou-lhe dos dedos, fechando-se com uma batida. Através da rede, podia ver a mãe inclinada para a frente do sofá branco, a blusa azul-clara desabotoada até ao sutiã. Tom, ajoelhado no chão, erguia a cabeça com o moicano para beijá-la. As unhas dele, lascadas e pintadas de preto, atrapalhavam-se com os restantes botões da blusa da mãe. Sobressaltaram-se com o som da porta a bater e voltaram-se para ela: as caras, inexpressivas, a boca de Tom, manchada de batom. De alguma forma, os olhos de Val vaguearam além deles, pousando nas margaridas secas que Tom lhe oferecera quando fizeram quatro meses de namoro. Estavam sobre o móvel da televisão, onde as deixara semanas antes. A mãe pedira-lhe que as deitasse fora, mas ela esquecera-se. Era possível ver os caules através do vidro da jarra, a parte inferior imersa em água salobra e infestada de bolor.

A mãe de Valerie soltou um soluço abafado e atrapalhou-se enquanto se levantava, abotoando a blusa.

— Ah, foda-se! — exclamou Tom, meio caído na carpete bege.

Val queria dizer algo sarcástico, algo que os transformasse em cinzas ali mesmo onde estavam, mas não encontrou as palavras certas. Deu meia-volta e saiu.

— Valerie! — chamou a mãe, com mais desespero do que autoridade na voz.

Voltando-se para trás, viu a mãe na soleira da porta, Tom era uma sombra atrás dela. Começou a correr, a mochila a bater-lhe contra a anca. Só parou quando estava de volta à estação de comboios. Uma vez ali, agachou-se na calçada de cimento, arrancando ervas daninhas enquanto ligava para o telemóvel de Ruth.

Ruth atendeu a chamada. Soou como se estivesse estado a rir:

— Estou?

— Sou eu — disse Val. Esperava que a voz lhe saísse trémula, porém soou inexpressiva, sem emoção.

— Ei — cumprimentou Ruth. — Onde estás?

Val sentia as lágrimas a começar a arder-lhe nos cantos dos olhos, mas, ainda assim, as palavras soaram firmes.

— Descobri uma coisa sobre o Tom e a minha mãe...

— Merda! — interrompeu Ruth.

Valerie ficou em silêncio por um momento, o pânico estava a deixar-lhe os membros pesados.

— Sabes de alguma coisa? Sabes do que estou a falar?

— Estou tão feliz que tenhas descoberto — respondeu Ruth, a falar depressa, as palavras quase se atropelando umas às outras. — Eu queria contar-te, mas a tua mãe implorou-me para não te dizer nada. Ela fez-me prometer que não te contava.

— Ela contou-te? — Val sentia-se particularmente estúpida, mas não conseguia aceitar que entendera o que lhe tinham acabado de dizer. — Tu sabias?

— Ela não falava de outra coisa desde que descobriu que o Tom se tinha descaído sobre isso. — Ruth riu-se para logo a seguir se deter, constrangida. — Não é como se estivesse

a acontecer há muito tempo nem nada disso. Sinceramente, eu teria dito alguma coisa, mas a tua mãe prometeu-me que ia confessar tudo. Até a avisei que ia contar-te... mas ela disse que negaria tudo. Eu tentei dar-te pistas.

— Que pistas? — De súbito, Val sentiu-se tonta. Fechou os olhos.

— Bem, disse-te para verificares o histórico dos chats, lembraste? Olha, esquece isso. Estou feliz por ela finalmente te ter contado.

— Ela não me contou — explicou Val.

Houve um longo silêncio. Ela conseguia ouvir a respiração de Ruth.

— Por favor, não fiques zangada — pediu ela, por fim. — Simplesmente não consegui contar-te. Não podia ser eu a contar-te.

Val desligou a chamada. Pontapeou um pedaço solto de asfalto para uma poça de água e, depois, a própria poça. O seu reflexo ficou turvo; a única coisa nítida era a boca, um borrão de vermelho num rosto pálido. Esfregou-a, mas o gesto apenas borrou a cor.

Quando o comboio seguinte chegou, embarcou, sentando-se num assento cor de laranja fendido, e pressionou a testa contra o acrílico gelado da janela. O telemóvel vibrou e ela desligou-o sem olhar para o ecrã. No entanto, conforme Val se voltava outra vez para a janela, foi o reflexo da mãe que viu. Levou um segundo a aperceber-se de que estava a encarar-se a si mesma, de maquilhagem. Furiosa, dirigiu-se apressadamente à casa de banho do comboio.

O espaço era grande e estava encardido, com um pegajoso piso de borracha e paredes de plástico rígido. O cheiro a urina misturava-se com o perfume químico de flores. Pequenas bolas de pastilha elástica descartada decoravam as paredes.



Sentou-se no tampo da sanita e forçou-se a descontraír, a inspirar fundo o ar pútrido. As unhas cravavam-se na carne dos braços e, de certa forma, aquilo fê-la sentir-se um pouco melhor, um pouco mais em controlo.

Surpreendeu-se com a intensidade da própria raiva. O sentimento sufocava-a, o que fazia com que tivesse medo de começar a gritar com o condutor, com cada passageiro do comboio. Achava não ser capaz de aguentar toda a viagem. Já se sentia exausta com o esforço de se tentar controlar.

Esfregou a cara e olhou para a palma da mão, manchada com o batom bordô e ligeiramente trémula. Abriu o fecho da mochila e despejou o conteúdo no chão imundo enquanto o comboio avançava.

A sua câmara fotográfica caiu com um estrondo no azulejo de borracha, bem como alguns rolos, um livro para a escola — Hamlet —, que já deveria estar lido, um par de elásticos para o cabelo, uma embalagem amolgada de pastilhas elásticas e um kit de viagem de higiene pessoal que a mãe lhe oferecera no seu último aniversário. Atrapalhou-se a abri-lo — pinça, tesoura para as unhas e uma gilete, tudo reluzente à meia-luz da casa de banho. Pegou na tesoura e sentiu as pequenas lâminas afiadas. Levantou-se e olhou-se ao espelho. Agarrando numa mecha de cabelo, começou a cortar.

Quando terminou, mechas de cabelo caídas enrolavam-se como serpentes de cobre em torno dos seus ténis. Val passou a mão pela cabeça careca. Estava escorregadia devido ao sabão líquido cor-de-rosa, e parecia áspera como a língua de um gato. Olhou para o próprio reflexo, achando-o estranho e simples, fitou os olhos implacáveis e a boca pressionada numa linha fina. Fios de cabelo pegados às bochechas lembravam-lhe finas limalhas de ferro. Por um segundo, não estava certa do pensamento daquele rosto refletido no espelho.

A gilete e a tesoura para as unhas tilintaram no lavatório quando o comboio chegou à estação seguinte. A água agitou-se na sanita.

— Está aí alguém? — chamaram do outro lado da porta.
— O que se passa aí?

— Só um minuto — respondeu Val. Lavou a gilete na torneira e enfiou-a de volta na mochila. Ajeitando a mala num dos ombros, agarrou num pedaço de papel higiénico, molhou-o e agachou-se para limpar o cabelo que estava no chão.

O espelho chamou a sua atenção novamente enquanto se endireitava. Por um instante, pareceu-lhe que um rapaz a encarava de volta, as suas feições tão delicadas que não acreditava que conseguisse defender-se. Piscou os olhos, abriu a porta e saiu para o corredor do comboio.

Voltou para o seu lugar, sentindo os olhares dos outros passageiros a desviarem-se conforme passava. Ao contemplar a vista da janela, observou os relvados suburbanos até entrarem num túnel, então, viu apenas o seu novo e desconhecido reflexo.



O comboio parou numa estação de metro e Val saiu para a plataforma, caminhando através do mau cheiro a fumo de escape. Subiu por uma estreita e imóvel escada rolante, esmagada entre as pessoas. A Penn Station estava lotada de passageiros, as cabeças baixas enquanto passavam uns pelos outros, e de quiosques que vendiam pendentes, lenços e flores de fibra ótica que brilhavam com cores que mudavam constantemente. Caminhou rente a uma das paredes, passando por um homem sujo e adormecido sob um jornal, e por um grupo de raparigas de mochilas às costas que gritavam umas para as outras em alemão.

A raiva que sentira no comboio dissipara-se e agora atravessava a estação como se estivesse sonâmbula.

O Madison Square Garden ficava a uma escada rolante de distância, depois de uma paragem de táxis e de alguns quiosques que vendiam amendoins doces e salsichas. Um homem ofereceu-lhe um panfleto que tentou devolver, mas ele já ia longe, deixando-a com uma folha de papel que prometia um espetáculo de raparigas ao vivo. Amachucou o panfleto e enfiou-o no bolso.

Atravessou um corredor estreito, apinhado de gente, e esperou na bilheteira. Um tipo jovem atrás do vidro ergueu o olhar quando ela lhe passou o bilhete de Tom. Parecia chocado. Ela achou que poderia ser devido à sua falta de cabelo.

— Podes reembolsar-me isso? — perguntou Val.

— Já tens um bilhete? — inquiriu ele, semicerrando os olhos, como se tentasse descobrir exatamente qual seria a vigarice que estava por detrás daquele pedido.

— Sim — respondeu Val. — O idiota do meu ex-namorado não conseguiu vir.

Compreensão espalhou-se pelas feições do rapaz, que assentiu de seguida.

— Percebo. Olha, não te posso devolver o dinheiro, porque o jogo já começou, mas, se me deres os dois bilhetes, consigo-te um upgrade.

— Claro — disse Val, sorrindo pela primeira vez desde o início daquele passeio. Tom já lhe tinha devolvido o dinheiro do bilhete, e ela apreciou a pequena vingança ao conseguir um bilhete melhor às custas dele.

O rapaz deu-lhe o novo bilhete e ela passou pelo torniquete, serpenteando pela multidão. As pessoas discutiam, os rostos corados. O ar tresandava a cerveja.

Estivera ansiosa para assistir àquele jogo. Os Rangers tinham vindo a fazer uma ótima temporada. Mesmo que não fosse esse o caso, ela adorava a forma como os homens se moviam sobre o gelo, como se não pesassem nada, sempre equilibrados em lâminas. Faziam com que o lacrosse parecesse deselegante, apenas um monte de gente a arrastar-se pela relva. No entanto, enquanto procurava a entrada para o seu lugar, sentiu um nó no estômago. O jogo era importante para todas aquelas pessoas da mesma forma que fora para ela, mas, agora, estava apenas a empatar para não ter de voltar já para casa.

Encontrou a entrada para o seu lugar e atravessou-a. A maioria dos assentos já estava ocupada e teve de se esgueirar por um grupo de tipos de caras vermelhas. Eles esticaram o pescoço para olhar através dela, para lá da divisória de vidro, para onde o jogo já tinha começado. O estádio cheirava a frio, como o ar depois de uma tempestade de neve. No entanto, mesmo enquanto a sua equipa patinava em direção ao golo, os pensamentos voavam-lhe para a mãe e Tom. Ela não devia ter saído daquela maneira. Desejou poder voltar atrás. Nem se teria preocupado com a mãe. Teria dado um murro na cara de Tom. Em seguida, olhando apenas para ele, teria dito «Eu esperava isto dela, mas não de ti». Teria sido perfeito.

Ou, talvez, poderia ter rebentado com o vidro da janela do carro dele. Mas o carro era, na verdade, uma verdadeira suca-ta, por isso, talvez não.

Poderia ter ido até à casa de Tom e contado aos pais sobre o saco de erva que ele escondia entre o colchão e o estrado. Entre aquilo e o caso com a mãe de Val, talvez a família o mandasse para alguma clínica de reabilitação para drogados que fodem com mães.

Quanto à mãe, a melhor vingança em que conseguia pensar seria ligar para o pai, chamar a madrastra Linda, colocar a

chamada em alta voz e contar-lhe tudo. O pai e Linda tinham um casamento perfeito, do tipo que vinha com duas adoráveis crianças, uma carpete de parede a parede, e que, sobretudo, a deixava enjoada. Infelizmente, contar a ambos aquela história faria com que esta se tornasse deles. Contariam tudo sempre que quisessem, atirariam aquilo à cara da mãe quando discutissem, relatariam o sucedido para chocar os amigos do golfe. A história pertencia-lhe e seria ela a controlá-la.

Um rugido varreu a plateia. Em volta, todos se levantaram de um salto. Um dos Rangers derrubara um tipo da equipa adversária e estava a arrancar as próprias luvas. O árbitro agarrou o Ranger e os seus patins escorregaram, abrindo um corte na bochecha do outro jogador. Ao serem levados para fora do ringue, Val fixou o olhar no sangue derramado no gelo. Um homem vestido de branco apareceu e raspou a maior parte, depois, o nivelador alisou o gelo durante o intervalo, mas uma mancha de vermelho permaneceu, como se esta se tivesse entranhado tão fundo que não era possível eliminá-la. Mesmo quando a sua equipa marcou o golo da vitória e todos a seu lado ficaram de pé outra vez, ela não conseguiu desviar os olhos do sangue.

Quando o jogo terminou, Val seguiu a multidão até à saída. A estação de comboios ficava apenas a alguns metros, mas não conseguia encarar o facto de ter de voltar para casa. Queria adiar mais um pouco até conseguir colocar as ideias em ordem, dissecar um pouco mais o que acontecera. Só a ideia de embarcar de volta no comboio enchia-a de um pânico doentio que fazia o seu pulso acelerar e o estômago embrulhar-se.

Começou a caminhar e, após algum tempo, reparou que os números das ruas ficavam menores e os edifícios, mais antigos; vielas estreitavam e o trânsito rareava. Virando à esquerda, em direção do que imaginou que pudesse ser o West

Village, passou por lojas de roupa fechadas e filas de carros estacionados. Não tinha a certeza de que horas seriam, mas achou que devia ser perto da meia-noite.

A mente dela continuava a decifrar os olhares entre o Tom e a mãe, olhares que agora faziam sentido, pistas que ela devia ter percebido. Viu o rosto da mãe, uma combinação estranha de culpa e honestidade, quando lhe dissera para esperar por Tom. A recordação fê-la estremecer, como se o corpo estivesse a tentar descartar algo pesado.

Parou e comprou uma fatia de pizza numa loja pacata, onde uma mulher com um carrinho cheio de garrafas estava parada nas traseiras a beber Sprite por uma palhinha e a cantar baixinho. O queijo quente queimou-lhe o céu da boca e, quando olhou para o relógio, deu-se conta de que já tinha perdido o último comboio para casa.

DESCOBRE AS FADAS TERRÍVEIS DO MUNDO SUBTERRÂNEO...



Valerie, de 17 anos, vê a sua vida desmoronar-se e decide fugir para Nova Iorque, procurando refúgio junto de um bando de ocupantes que vivem no labiríntico sistema de metro da cidade.

Quando o seu caminho se cruza com o de uma misteriosa criatura, Val vê-se dividida entre o seu afeto por um monstro honrado e o medo daquilo em que os seus novos amigos se estão a tornar.

Para se salvar a si própria e a quem ama, Val vai ter de aprender que ser livre para tomar as suas próprias decisões significa também ser dona da sua própria destruição.



O REINO SOMBRIO E SEDUTOR DAS FADAS CAPRICHOSAS E CRUÉIS DE HOLLY BLACK ESTÁ DE VOLTA EM MAIS UMA HISTÓRIA APAIXONANTE.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](#)
[@secretsocietypt](#)
[#seekthebutterfly](#)

ISBN: 978-989-583-326-9



9 789895 833269

